

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

MISCELÂNEA ORNITOLÓGICA

POR

OLIVÉRIO PINTO

V (*)

DESCRIÇÃO DE UMA SUBESPÉCIE NORDESTINA
EM *SYNALLAXIS RUFICAPILLA* VIEILLOT (FAM. FURNARIIDAE)

Conta-se *Synallaxis ruficapilla* entre os muitos passarinhos descobertos em 1816 nos arredores da cidade do Rio de Janeiro por Delalande, naturalista como se sabe chegado ao Brasil ao mesmo tempo que Auguste St. Hilaire, ambos do Museu de Paris, onde foram depositados os respectivos tipos. Vieillot, o primeiro a estudar esse material, nomeou e descreveu a espécie em 1819, no vol. 32 (p. 310) do *Nouv. Dictionnaire d'Histoire Naturelle*, nouvelle édit.), publicação preciosa para os estudiosos da ornitologia brasileira, mas de há muito praticamente impossível de adquirir, por sua raridade. Anos mais tarde, em 1825, a espécie foi novamente descrita e figurada pelo mesmo autor, na *Galerie des Oiseaux*, obra para nós igualmente inacessível. Depois tiveram ocasião de assinalá-la vários dos naturalistas que pelo sul do Brasil viajaram colecionando espécimes, a começar por H. Burmeister (1856), que todavia não soube distingui-la de uma sua congênera muito espectral nas mesmas regiões, e só devidamente reconhecida por Sclater, que pela mesma época a descreveu, com o nome de *Synallaxis spixi*, no vol. dos *Proceedings* da Sociedade Zoológica de Londres correspondente ao ano de 1856. A região frontal escurecida, em contraste vivo com o resto do alto da cabeça cor de ferrugem, é carácter só por si bastante para distinguir à primeira vista *S. spixi* Sclater de *S. ruficapilla* Vieillot, pois nesta última todo o píleo é cor de canela, ou ferruginoso, desde a nuca até a base do bico.

(*) Os números anteriores desta série saíram à luz no Boletim do Museu Paraense E. Goeldi, Vol. X, págs. 301-311 (1948).

Em São Paulo, onde *S. ruficapilla* é particularmente espalhada, o primeiro a colecionar espécimes foi Pelzeln, que a obteve em Ipanema durante quase todo o tempo de sua permanência nessa famosa localidade. Mas ao Museu Paulista, continuado pelo Departamento de Zoologia, coube verificar sua presença em todas as regiões do Estado, desde o Rio Paraná (Porto Epitácio) até o litoral atlântico (Iguape, Cananéia), como nos seus limites septentrionais (Franca, Ituverava) e meridionais extremos (Itararé). Habitando embora, como os demais membros do grupo, os maciços de vegetação baixa e emaranhada, característicos das capoeiras, ocorre todavia nas zonas florestadas, quer do oeste (Bauru, Lins, Silvânia), quer da faixa oriental montanhosa (Alto da Serra, Serra da Bocaina, Boracéia). Fora do Rio de Janeiro e São Paulo, e abstração feita do Paraguai e do Território de Misiones, tem ela sido também verificada nos nossos três Estados mais meridionais e, ao norte, em Minas Gerais e Espírito Santo. Mas não se tinha notícia até aqui de que a espécie ocorresse em latitude mais septentrional, admitindo-se com Hellmayr (*) não ultrapassasse ela o paralelo de 20º sul, pouco ao norte de Vitória (Espírito Santo). Por isso adquire especial relevo a verificação de sua presença no Estado de Pernambuco, onde tivemos a ventura de colecionar dois exemplares adultos e insusceptíveis de apresentar qualquer dúvida ao sistematista quanto à espécie a que pertencem.

Como seria de esperar, dado o largo hiato geográfico que separa os nossos exemplares dos seus companheiros sulinos, os espécimes de Pernambuco apresentam diferenças bastante fortes para merecer a separação em raça particular. Essas diferenças poderiam resumir no tom uniformemente mais carregado da plumagem; mas serão melhor apreendidas pela diagnose da nova forma que denominaremos

***Synallaxis ruficapilla infuscata*, subsp. nov.**

DIAGNOSE — Semelhante a *S. ruficapilla* dos Estados meridionais do Brasil, mas com as partes inferiores muito mais escuras, de um cinzento-anegrado quase uniforme, exceção feita da garganta, mosqueada de branco e preto; coberteiras superiores das asas e rectrizes mais intensamente ferruginosas, bem como o alto da cabeça, que não apresenta lateralmente as duas listas superciliares características da forma típica; região auricular e loros de um preto mais retinto e mais puro (sem mistura de pardo); dorso e porção terminal das rêmiges igualmente mais escuras, apenas le-

(*) C. E. Hellmayr, Verhandl. Ornithol. Gesells. Bayeros, Bd. XII, Heft 2, p. 141 (1915).

vemente tocados de azeitona (em vez de francamente tingidos de ocráceo ou oliváceo-ferrugíneo).

TIPO — Exemplar adulto, aparentemente do sexo masculino (órgãos genitais destruídos), colecionado pelo Autor em capoeirão da Usina Nossa Senhora do Carmo, município de Vitória de Santo Antão, no leste do Estado de Pernambuco (zona da mata), em 9 de setembro de 1950.

DESCRIÇÃO DO TIPO — Píleo (alto da cabeça) cor intensa de ferrugem, desmaiando em direção à nuca, mas confinando diretamente com o escuro dos lados da cabeça (sem interposição de qualquer lista superciliar distinta; região auricular e losos escuros, quase pretos; dorso cor de cinza, com leves tons pardo-oliváceos, mais distintos no baixo dorso e supracaudais; coberteiras superiores da cauda cinzentas; ditas superiores das asas cor de ferrugem; primárias e secundárias da mesma cor, com exceção da porção terminal, pardo-escura; cauda de um ferrugíneo mais carregado, tirante a castanho, com a ponta um pouco escurecida; garganta mosqueada de branco-prateado e de cinza, com a porção basal anegrada; peito cinzento-escuro, passando gradativamente a cinza mais claro no abdome e nos flancos; baixo abdome, infracaudais e pernas igualmente cor de cinza, com leves tons pardo-amarelados; pés pardo-escuros; bico da mesma cor, com a parte basal da mandíbula mais clara que o resto. Medidas: asa 59 mms.; cauda 74 mms.; culmen 13 mms.

OBSERVAÇÕES — O outro exemplar de Pernambuco, procedente do mesmo local e caçado no mesmo dia, é uma ♀, de maturidade aparentemente incompleta. Difere sensivelmente do tipo em colorido, apresentando tonalidade mais clara em todas as partes ferruginosas, dorso e supracaudais distintamente lavados de oliváceo-pardacento, abdome tingido de pardo e maior quantidade de preto na base da garganta, sem que haja todavia uma nódoa gular distinta. Essas diferenças tendem a aproximá-lo mais dos da forma típica, sem permitir todavia que com estes se confunda. Com efeito, nas aves do sul do Brasil as partes superiores são sempre fortemente tingidas de ocráceo-azeitonado ou ruivo, e as inferiores muito mais claras do que em *S. r. infuscata*, com forte mistura de pardo-oliva no abdome, flancos e infracaudais. Por outro lado, a tonalidade do ferrugíneo (tanto nas asas e na cauda como no píleo), costuma ser ainda mais clara. Além disso, a presença de uma lista superciliar ruiva, muito mais clara do que o píleo, é carácter constante em *S. r. ruficapilla*, mas inaparente nos exemplares de Pernambuco.

O Departamento de Zoologia possui quatro exemplares de Terézópolis, de diferente sexo e idade; podem ser considerados to-

potípicos e concordam com os de S. Paulo e Minas Gerais. A julgar pela coleção em estudo, a tonalidade ocrácea ou arruivada do dorso e do abdome se acentua nas latitudes meridionais. O máximo sob este particular é encontrado numa ♀ de Iguape (sul de São Paulo) e noutra de Puerto Bertoni (Paraguay). Um ♂ de Nova Wurttemberg (Rio Grande do Sul) é menos arruivado que as ♀ ♀ precitadas, donde a possibilidade, corroborada por outros exemplos, de serem em regra estas mais tingidas de ocre do que os indivíduos do sexo oposto.

Tratando de *Synallaxis ruficapilla* disse Hellmayr (Catal. Bds. of Americas, pte. IV, p. 76, nota a) que essa "species apparently has only eight rectrices". O fato todavia não se verifica; como os demais representantes do gênero, apresenta *S. ruficapilla* dez rectrizes, de comprimento progressivamente decrescente das centrais para as laterais, as mais externas das quais são muito pequenas e de pouco excedem ao quarto do comprimento das mais longas. No tipo de *S. s. infuscata* as rectrizes medem respectivamente, a partir das laterais, 20, 40, 55, 65 e 73 mms.; num ♂ de Franca (S. Paulo), entre os raros cuja cauda se apresenta completa, as medidas são 26, 52, 70, 77 e 83, correspondendo ao crescimento completo das penas.

VI

SOBRE A VERDADEIRA PÁTRIA DE *ANODORHYNCHUS LEARI* BONAP.

Entre as observações e ocorrências a nós proporcionadas pela recente viagem a Pernambuco deu-nos particular satisfação travar conhecimento com a raríssima arara azul cientificamente denominada *Anodorhynchus leari* Bonaparte. Fí-lo através de um exemplar existente em cativeiro na residência de certo morador da Usina Nossa Senhora do Carmo (no Município de Santo Antônio e não longe de Gravatá) e graças à extrema obsequiosidade do jovem casal G. Colaço Dias, gerente da empresa, a quem nos é grato expressar nesta oportunidade agradecimentos sinceros pelas atenções e finezas a nós dispensadas durante os dias que passamos naquela importante propriedade agrícola.

Segundo se depreende da literatura do assunto, o conhecimento desse psitácida nos círculos científicos remonta ao início do passado século (1823), quando Vieillot, sob a denominação errônea de *Macrocercus hyacinthinus*, dele publicou uma estampa colorida na "Galerie des Oiseaux", supondo assim tratar-se da grande arara azul-escura encontrada nos buritizais dos Estados centrais do Brasil, e batisada por Latham (1790) com aquele nome

específico. No mesmo engano incidira anos depois Lear (1832) ao figurá-la na estampa 9 de seus "Parrots", dando ensejo a que só mais tarde viesse Bonaparte (1856), em "Naumannia", a reconhecê-la como espécie particular, dando-lhe o nome vigente de *Anodorhynchus leari*, sem nada informar porém sobre sua pátria, que permaneceu enigmática.

O conde Salvadori, ao descrever a nossa espécie no vol. XX (pag. 148) do "Catalogue of Birds in the British Museum" (1891) baseia-se num único exemplar adulto do sexo masculino mantido vivo anteriormente no Jardim da Sociedade Zoológica de Londres, admitindo dubitativamente ser ele oriundo de "some part of Brazil". Nos anos que se seguiram nenhuma luz nova veio esclarecer o problema, constando apenas que indivíduos da espécie têm sido remetidos às vezes do Pará para New York, de permeio com exemplares de *Anodorhynchus hyacinthinus*. (*)

Por todas estas razões adquire ao nosso vêr grande importância a informação obtida agora por nós de que o exemplar visto na Usina era procedente de Joazeiro, cidade situada à margem esquerda do Rio São Francisco, que como se sabe separa o Estado da Bahia do de Pernambuco. Essa informação, si não resolve em definitivo a dúvida secular sobre a verdadeira pátria da espécie, parece todavia demonstrar que ela vive nas mesmas regiões habitadas por *Ara spixii* (Wagler), arara igualmente muito rara nas coleções.

Convem assinalar que nenhuma confusão é possível entre estas espécies, visto como si a exiguidade do porte, a constituição franzina do bico e presença de um grande dente nas margens da maxila são atributos de *C. spixii*, a presença de uma larga nódoa juxta-mandibular amarela, muito evidente na fotografia junta, é caráter só por si suficiente para distinguir *A. leari* de sua congênere.

(*) Vide A. L. Peters, *The Check-List of Birds of the World*, vol. III, pág. 180, em nota margin. (1937).



Anodorhynchus leari Bonaparte

Exemplar mantido em cativeiro (procedência suposta Joazeiro,
Rio S. Francisco).